



Editorial

Com alegria, trazemos a público este segundo número de 2024, dando continuidade ao novo projeto editorial dos Cadernos de Gênero e Diversidade, agora sob a coordenação da Rede NIGS.

Refletir sobre os campos da educação e da mídia como espaços poderosos de problematização e transformação das relações de gênero é o objetivo principal deste número.

Este número inicia com a sessão de artigos, que tem várias contribuições sobre o papel da educação para a transformação das relações, práticas e representações de gênero no mundo contemporâneo.

No primeiro artigo, ***Uma educação libertadora?: escuta e diálogo com estudantes migrantes e refugiadas no Ensino Superior***, de Yasmine Yohannes e Renata H. P. Pucci debatem sobre como populações usualmente vulneráveis, social e economicamente, são invisibilizadas em suas identidades e necessidades e abordam os desafios pessoais e institucionais no acolhimento destes novos sujeitos na universidade.

No segundo artigo ***Gênero e desigualdades na educação profissional e tecnológica: um olhar sobre a divisão sexual do trabalho***, Pérsida Pereira da Silva e Daniela Medeiros de Azevedo Prates refletem sobre como se (re)produzem desigualdades de gênero no ambiente da educação profissional e tecnológica, a partir de entrevistas com servidoras do Instituto Federal Sul-rio-grandense.

No terceiro artigo, ***Corpos "estranhos": práticas de preconceitos e discriminações no ambiente escolar***, Gabriela da Silva, Maria Zanela e Samira de Moraes Maia Vigano abordam, a partir de entrevistas com diretoras de escolas, a complexa dinâmica dos preconceitos e das discriminações no contexto escolar, chamando a atenção para a urgência de intervenções pedagógicas que valorizem a diferença/diversidade.

A Educação Infantil também tem seu espaço neste número, representada pelo quarto artigo, de José Rodolfo Lopes da Silva e Nilcelio Sacramento de Sousa: ***“Corpos que escapam”:*** ***discursos sobre masculinidades e feminilidades na Educação Infantil.***



Em seu texto, os autores demonstram como a creche é um espaço onde as primeiras noções de gênero estão associadas às pedagogias de reconhecimento de si que se desenvolvem através das percepções corporais.

O quinto artigo, ***Mujeres en la historia: miradas interseccionales en un libro de texto de inglés***, de Caroline Trevisan, propõe tanto uma análise sobre o conteúdo de livros didáticos de Inglês, quanto atividades de orientação crítica e intercultural com um viés decolonial. Sua pesquisa, feita em escolas do Uruguai, mostra como os livros contemporâneos incentivam as e os estudantes a refletirem sobre o protagonismo das mulheres na história do país.

Por fim, o sexto artigo desta seção, ***Vivências de Pessoas Transgêneras em Instituições de Saúde e de Educação***, desenvolvido por uma equipe multidisciplinar e interinstitucional, composta por Ester Mascarenhas Oliveira, Luciana Neves da Silva Bampi, Carle Porcino, Hellen Torres Coelho, Cleuma Sueli Santos Suto, Paula Bastos Antunes, Thais Alfaia de Santana Pardo, Bárbara Angélica Santos de Oliveira, traz resultados de pesquisa realizada com pessoas transgênero para avaliar suas experiências de acolhimento em serviços de saúde e em escolas. Com depoimentos muito relevantes, o artigo mostra que o sistema escolar está mais aberto ao acolhimento e inclusão de jovens trans do que os postos de saúde, onde, apesar da boa vontade de parte dos profissionais, impera o desconhecimento em relação às demandas desta população.

Na segunda parte deste número, temos uma **seção especial** em torno da temática de gênero e mídia. Nela, trazemos artigos que nos ajudam a compreender o papel da mídia na extensa paisagem do que significa “fazer feminismo” atualmente.

Como as teorias de gênero são “traduzidas” para o mundo infantil? É a questão que o texto ***O currículo do desenho animado Irmão do Jorel: a perigosa lambada brutal controlando e borrando fronteiras de gênero***, de Sara Romano e Edna Abreu Barreto, busca analisar, propondo olhar para o potencial pedagógico deste desenho animado de Juliano Enrico com coprodução do canal pago Cartoon Network (Brasil). O artigo traz uma reflexão de como os conteúdos relacionados ao gênero, tecnologia dos corpos e diferentes entendimentos dos papéis masculino e feminino podem ser entendidos como currículo pedagógico.



Na puberdade, novas perguntas orbitam as subjetividades que não são respondidas no ambiente formal escolar. O que fica ainda mais evidente no artigo ***Poder disciplinar e dispositivo de sexualidade na série Sex Education: possíveis paralelos com o contexto educacional brasileiro***. Ashlyn Lima dos Santos, Maria Fernanda Monteiro Cavalcante, Lucas Adriano Bessão e Tayna Ceccon Martins colocam em evidência as fricções entre a rigidez do sistema escolar britânico e as reais necessidades de suas/eus estudantes. As autoras e o autor traçam um paralelo com o contexto brasileiro ao abordar o aspecto do poder/opressão na escola e o banimento da palavra gênero nos currículos pelos movimentos políticos anti-gênero nas escolas brasileiras.

Ainda sobre a mesma série, Letícia Leidens Kunzler e Kári Lúcia Forneck analisam como os/as dubladores/as inglês/português do *Sex Education* enfrentaram e responderam aos desafios da linguagem inclusiva, estabelecendo novos padrões para o campo da linguagem feminista. O artigo ***ELU, ILE, ILU e EL: uma análise da linguagem não binária da série Sex Education*** expõe diferentes contextos dos "usos" da língua portuguesa, incluindo os debates políticos atuais sobre a linguagem não binária.

Também no artigo ***Os limites da bruxa feminista: O Enfrentamento ao Patriarcado no Seriado “O Mundo Sombrio de Sabrina”***, Cristiano Vinicius Lima Rantin e André Azevedo da Fonseca abordam o impacto da mídia sobre as subjetividades juvenis. O texto acompanha a evolução cultural-histórica da personagem *Sabrina* na série *O mundo sombrio de Sabrina*, mostrando como a personagem luta por questões feministas, com dilemas próprios de sua geração, mas que paradoxalmente reforça também estereótipos de gênero.

As representações de gênero no campo da mídia brasileira não estariam completas sem uma análise de um dos *realitys shows* mais seguidos no Brasil, o Big Brother Brasil. No artigo ***Eu sou heterotop? Isso é bom ou ruim? Uma reflexão sobre as masculinidades do BBB 22 e o convívio com a travesti Linn da Quebrada***, Danielle Ramos Brasiliense analisa o impacto da inclusão de uma pessoa trans no programa, colocando em evidência o uso do termo “heterotop” entre os/as participantes e o impacto da presença de um corpo trans na convivência íntima na casa e na recepção desta presença entre as/os espectadoras/es.



O artigo “**Quando a agressora é mulher: representações sociais de violência contra a mulher na mídia impressa**”, de Gabriela Bastianello, Mariana Bonomo e Julia Alves Brasil, traz um retrato atual e real da violência e de como a mídia divulgou fatos de violência entre 2006 e 2021. O texto apresenta também a dimensão subjetiva das agressoras e vítimas em 726 peças jornalísticas, que, agrupadas, constituíram 511 casos de violência. O cruzamento de dados e, sobretudo, o tratamento destes auxiliam no entendimento do histórico das violências contra as mulheres no Espírito Santo e no Brasil.

A sessão **Entrevista** apresenta um diálogo entre Izabela Liz Schlindwein e a artista **Graziele Lautenschlaeger**, autora da capa deste número. Nesta conversa, a artista compartilha sua trajetória artística e a construção teórica e política de sua arte feminista centrada na questão da maternidade.

Duas resenhas finalizam esta edição sobre Educação e Mídia da Cadernos de Gênero e Diversidade.

A primeira, de Suzana Vergara Martins Costa, sobre o livro **Feminista, eu?: literatura, cinema novo e MPB**, apresenta a busca da autora Heloísa Buarque de Hollanda por perfis feministas e sua capacidade de descobri-los onde outros/as talvez não encontrariam.

A segunda resenha, de Viegas Fernandes da Costa, apresenta o conceito de *cripistemologia* construído pela autora Christiane Greiner na obra **Corpos crip: instaurar estranhezas para existir** e o articula com a pesquisa de outros/as autores/as do campo da teoria crip, incluindo reflexões pessoais sobre a problemática da deficiência.

Miriam Pillar Grossi

Izabela Liz Schlindwein

Priscilla Gusmão

Editoras do número 2.2024 dos Cadernos de Gênero e Diversidade